

Expressões Idiomáticas: uma visão regionalista

Paulo Ricardo Vargas Lemos (Autor)

Luisandro Mendes de Sousa (Orientador)

RESUMO: Abordaremos alguns elementos da fraseologia, em especial o fraseologismo regional, com foco, incisivamente, nas Expressões Idiomáticas (EIs) presentes e edificadas no Rio Grande do Sul. Trataremos sua conceituação, formação e uso como mecanismo de aquisição lexical, sua utilização no estudo de alguns fatos lingüísticos, bem como sua multiplicidade semântica. Apesar dos poucos, mas importantíssimos estudos referentes à utilização das EIs tanto na inserção social quanto em sala de aula, balizaremos nosso artigo em: Xatara (1995; 1998), Tagnin (1989), Ilari (2014), Cançado (2013) e Fischer (2007), entre outros que, de uma maneira ou de outra, serviram como referencial teórico para a confecção deste artigo.

Palavras Chaves: Expressões Idiomáticas, Estrutura, Conotação.

1. Introdução

A **Língua** como meio de comunicação, inserção e interação social não é e nunca será algo explicável na sua essência e totalidade, pois se trata de algo dinâmico e em constante processo de construção e reconstrução. Molda-se a todo instante; é um universo, continuamente, em modificação. “A língua, como todos nós, quer palpitar, crescer, tornar-se flexível e colorida, expandir-se, enfim, viver.” (MIRA MATEUS, 2005, p. 1)¹

A língua começa como um sopro de vida e de intencionalidade que vem da alma perpassa pelos pulmões e se articula na boca com os movimentos dos lábios e da língua. É ela que revela o que somos e com quem nos relacionamos - interage significativamente e de forma plena nas relações entre os seres humanos. Faz-se presente na música, na arte, no trabalho, na política, em toda a cultura, nas ênfases do passado e nos papéis que adotamos nas nossas relações sociais.

¹ A mudança da língua no tempo e no espaço Maria Helena Mira Mateus ILTEC / FLUL em: http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mhmateus-mudanca_lingua.pdf (14, de dezembro de 2014).

O estudo da língua não se limita ao estudo da gramática e de seus padrões, mas vai além, abordando muitos outros aspectos, como, por exemplo, o domínio da linguagem, tanto oral como escrita, como garantia da cidadania. Assim, entender a história da língua e do seu manejo revela a importância do português não apenas como ferramenta de comunicação, mas também como chave para a alma brasileira. Ao falar, o brasileiro expressa sua identidade, que nunca é uniforme, e o país respira sua diversidade, que insiste em nos unir. A língua “*é um bem coletivo*” (AZEREDO, 2010, p. 53).

Nesse contexto de diversidade, a Língua Portuguesa se lança ao compromisso de flagrar momentos do cotidiano da realidade em que está inserida. Ao capturar a tenacidade da fala regionalista sul-rio-grandense no pleno esplendor de sua existência, a língua registra seu alcance, sua dimensão, sua herança e sua riqueza material, em especial suas EIs.

Diante disso, ao adentrarmos nas muitas histórias do idiomatismo e na sua permanência entre as variadas culturas existentes no Rio Grande do Sul, procuraremos investigar a contribuição das EIs na formação lexical da fala regionalista sul-rio-grandense.

1.2 O regionalismo

A palavra regionalismo nos remete diretamente ao bairrismo, não na sua literalidade totalmente, ou seja, a este que, no caso do povo gaúcho, o incita a ser um povo peleador na defesa dos seus interesses, dos seus costumes, da sua terra, da maneira contundente com que se posiciona em detrimento dos demais. Talvez um pouco assim seja. Mas é na sua forma exacerbada de sentido edificado e enraizado que a marca do gaúcho se immortaliza como a de um povo “*agarrado que nem carrapato*” (leia-se preso, fixado) nos seus costumes e dizeres.

O regionalismo rotula um povo como detentor de uma cultura, de uma identidade como aquela com a qual, nós, do Rio Grande do Sul, nos denominamos: Gaúchos. O Dicionário Houaiss adjetiva os “Peleadores” (Leia-se gaúchos) como aquele “que ou que costuma se envolver em brigas; brigão, turbulento” (Houaiss eletrônico, 2009). Contudo, é um povo hospitaleiro, politizado, imbuído de respeito para com o próximo, desde que “*não pisem em nosso pala*”, ou seja, desde que não sejamos ofendidos.

Todas essas combinações são refletidas e postas em prática no dia a dia, estão presentes nas músicas, nas artes, nas vestimentas, na literatura, mas, sobretudo no dialeto, este que vociferamos a todos os rincões do mundo. E este apinhado de costumes e tradições

adquiridas “*pra lá dos tempos do guaraná de rolha*” (leia-se algo muito antigo, dos idos de antigamente - Tchepedia²), esse conjunto de fatos vivenciados no decorrer dos tempos é que nos leva a ter um dialeto peculiar, repleto de nuances com características próprias muito bem definidas e exemplificadas nas obras literárias de alguns expoentes do regionalismo. É o caso de João Simões Lopes Neto, Josué Guimarães, Érico Veríssimo, entre outros tantos ícones do Rio Grande do Sul. Mas essas peculiaridades regionalistas se estendem Brasil afora pelos imortais: Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, Gilberto Freire, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e outros “*teatinos*” (entendam-se perdidos, pertencentes a uma ordem).

Assim, com respaldo neste dialeto diatópico que, para um melhor entendimento, utilizaremos apenas EI regionais *coloquiadas* no Rio Grande do Sul.

2. O que são Expressões Idiomáticas?

Há inúmeros conceitos e teorias para tentar definir as Expressões Idiomáticas (EIs) no Português Brasileiro. Algumas definições aqui expostas foram extraídas de sítios armazenados na internet - senão o maior veículo social de comunicação, o mais utilizado depois do colóquio interpessoal. Nos dias atuais, a internet e suas ferramentas criam condições para que se tenha uma variedade quase infinita de opiniões sobre qualquer tema que venha a ser pesquisado, inclusive as EIs. Em uma busca realizada na suíte de pesquisa Google - esta como a mais utilizada - encontramos diversas definições, tais como a que segue:

“Expressão idiomática: é um conjunto de duas ou mais palavras que se caracteriza por não ser possível identificar o seu significado mediante o sentido literal dos termos que constituem a expressão. Expressão idiomática – Wikipédia, a enciclopédia livre”³.

Com a intenção de obter maiores informações, encontramos outras respostas para auxiliar na definição das EIs:

“Expressões Idiomáticas: ...são figuras de linguagem onde um termo ou a frase assume um significado diferente do que as palavras teriam isoladamente. Assim, não basta saber o significado das palavras que formam a frase, é preciso olhar para todo o grupo de palavras que constitui a expressão para entender o seu significado. As Expressões Idiomáticas trazem conotações diferentes, que, na maioria das vezes, estão relacionadas às suas origens”⁴.

²Tchepedia, *Dos tempos do guaraná de rolha*, disponível em: <<http://tchepedia.rs/dicionario/dos-tempos-do-guarana-de-rolha>> em (14, de dezembro de 2014).

³Disponível: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Express%C3%A3o_idiom%C3%A1tica> acessado em: (14 de dezembro de 2014).

⁴Disponível: *Só Língua Inglesa, Expressões Idiomáticas - Inglês* disponível: <<http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/Expressoes1.php>> acessado: (14 de dezembro de 2014).

Na mesma simetria, podemos observar que todos têm um mesmo objetivo, mas cada um a sua perspectiva, abordando e trazendo novos conceitos na busca de explicar as Expressões Idiomáticas.

“Expressões Idiomáticas: como o nome já afirma, são expressões que não têm tradução e que são geradas por gírias de certa região se fazendo assim como se fosse um traço cultural de cada lugar. Essas expressões também podem vir de tanto de outros estados como de outros lugares do Mundo. Todas as expressões têm sua origem, principalmente as pessoas antigas que as usavam, isso fez com que essas expressões sobrevivessem ao tempo e ‘ganhassem a boca do povo’. Essas expressões podem ser passadas também através de imagens. As expressões idiomáticas são definidas como uma unidade sintática, lexicológica e semântica⁵”.

Já ROCHA LIMA (2012, p. 598), ao tratar sobre as EIs, as referencia como sendo Figuras de Linguagem “que são certas maneiras de dizer que expressam o pensamento ou o sentido com energia e colorido, a serviço das intenções estéticas de quem as use”. Isto é, há uma agregação de novos valores semânticos na relação estabelecida entre as palavras dentro de um contexto lingüístico.

2.1. Lexicalização, conceitualização e formação da EI

Um dos expoentes no que se refere aos estudos das EIs é Cláudia Maria Xatara, pelo empenho em desmistificar, em suas publicações, o preconceito para com o tema. Seus artigos – e aqui não nos faremos de rogados – nos serviram de fonte e informação.

Ao abordarmos os registros feitos por Xatara (1995), em “O Resgate das Expressões Idiomáticas”, tivemos uma visão privilegiada de tópicos relevantes sobre a abordagem das EIs. Tal visão nos remete ao inimaginável; ao imaginável; ao concreto; ao abstrato. Há um mundo onde sentido e realidade se confrontam e se unem. Xatara revela que, em detrimento de uma falta de um acervo lexical apropriado para expressar algumas sutilezas de sentidos:

“o falante lança mão de combinatórias inusitadas, ou seja, originais, buscando um efeito de sentido. Congelando-se e difundindo-se pela comunidade dos falantes, tais combinatórias originam expressões idiomáticas (EI) (Xatara, 1995, p. 1).

⁵ *Expressões Idiomáticas - Expressões - Colégio Web, disponível: <<http://www.colegioweb.com.br/trabalhos-escolares/portugues/expresoes/expresoes-idiomaticas.html>> Em: (14 de dezembro de 2014).*

As EIs se fazem presentes no cotidiano de nossas vidas, articuladas no dia a dia e amalgamadas na “linguagem comum de registro informal, encontrando-se na modalidade oral e escrita” (Xatara, 1995, p1). Não só Xatara, como também Tagnin, Riva, Camacho, entre alguns destemidos - e me incluo nesse rol dos que acreditam neste embate referente aos estudos das EIs - corroboram alguns questionamentos, tais como os elencados abaixo, para os quais ousamos tentar obter algumas respostas.

“Mas por que há ainda um número reduzido de estudos aprofundados sobre elas? Por que muitas das EI não fazem parte dos nossos dicionários? Por que há tão pouco espaço para elas nas gramáticas? Por que, enfim, são tratadas como um problema marginal na pesquisa lingüística ou no ensino/aprendizagem da língua materna e de uma língua estrangeira?” (Xatara, 1995, p. 195)

Entre algumas das respostas obtidas, verificamos que a dificuldade de uma parcela significativa de linguistas em envolver-se com estudos referentes à EI advém de uma falta de ousadia e sensibilidade, um inadmissível preconceito. A complexidade que envolve os processos referentes às EIs faz com que a grande maioria dos estudiosos opte por outras especificidades não menos importantes. Mesmo em decorrência de tão pouco estudo, podemos salientar que ocorreu, sim, uma sutil evolução no trato lexicográfico dessas expressões. A dicionarização das EIs tem sido bem representada através de Dicionários voltados ao estudo das línguas estrangeiras. É o caso, entre outros, do Dicionário Michaelis: Dicionário de Expressões Idiomáticas - Inglês – Português, de Ferreira, Willians Ramos Nash, Mark G, além dos dicionários *on-line*, muito utilizados nos dias atuais.

Em decorrência da fixidez própria em que aparecem e por pertencerem ao léxico, as EIs se traduzem em um hábito verbal. Nesse sentido, segundo Xatara (1995, p.197):

“Há dois estágios por que passam as EIs: 1) o processo de cristalização que as torna estáveis em significação; e 2) a freqüência de seu emprego. Assim, num nível mais abstrato da linguagem, consuma-se o processo de lexicalização, categorizando-as para integrarem a nomenclatura de um dicionário da língua”.

Esta mesma autora (XATARA, 1998, p. 179) aborda a conceitualização das EIs em sua essência, de forma concisa, mas muito relevante, como vemos a seguir: “[...] apresentamos a nossa proposta de conceito de EI, que nos parece mais satisfatório, embora conciso: expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

Revela-nos ainda Xatara que o processo de conceitualização das EIs consolida-se em três fatores. A EI constitui uma lexia complexa indecomponível, porque não se separam as

lexias que formam a unidade frasal. É o que ocorre, por exemplo, com a expressão “*pegar-ratão*”, muito utilizada pelos professores de cursos pré-vestibulares para denominar algumas questões presentes nas provas de vestibulares, em especial o da UFRGS (leia-se úrguis), com alternativas muito parecidas com um único objetivo: o de confundir os vestibulandos. Se separarmos ou trocarmos de lugar as unidades componentes dessa unidade frasal, ela perderá o seu valor semântico, passando a expressão a ser apenas uma unidade frasal com sentido totalmente contrário ao seu valor conotado.

“E explicamo-nos sumariamente: *lexia complexa* porque tem o formato de uma unidade locucional ou frasal; *indecomponível* porque constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita; *conotativa* porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes; *crystalizada* porque sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra. (Xatara, 1998, p. 170)”.

No que tange ao processo conotativo relativo às EIs, podemos observar em, por exemplo, “*sarna pra se coçar*” diferentes interpretações. Se analisarmos na literalidade esta unidade frasal, teremos algo como *estar procurando uma patologia para auxiliar na amenização da coceira* - algo nada convencional, para não dizer nada racional, para os padrões humanos. Mas, se analisarmos o seu sentido figurado - sendo esse o melhor adjetivo para conceitualizar o processo conotativo -, veremos que se agrega outro valor a essa EI, valor esse que nos remete a situações cotidianas vivenciadas no decorrer dos tempos, quando escutávamos esta EI como forma de repreensão, numa alusão a que estaríamos procurando algo para termos problemas. Fischer (2007, p. 233) nos ajuda a exemplificar melhor: “*Quando a gente vê que alguém está caminhando para uma situação ruim, a gente adverte: Olha tu tá procurando sarna para se coçar. Com essa flutuação de concordância*”.

Ilari (2014, p.41), por sua vez, dá sua contribuição em uma esfera mais abrangente. Ele traz a conotação como “o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá informação sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto e os propósitos da fala em que ambos estão engajados”.

Também Azeredo (2011), em seus pensamentos emoldurados e representados através de sua gramática, nos brinda com sábias palavras no que se refere à conotação. Revela-nos que a conotação é expressão de nossas atitudes de apreço, de desprezo ou repulsa, de tranquilidade, de valorização, entre outros tantos aspectos, pois sua abordagem é infinita. “*Ela recobre os aspectos culturais e ideológicos do significado da palavra e desempenha papel especial na diferenciação dos sinônimos.*” (AZEREDO, 2010, p. 406).

Mas o processo mais relevante, no nosso entendimento, é o da cristalização, que nos mostra que a significação da EI é preponderantemente estável, marcada fortemente pela continuidade e frequência com que é empregada. Ou seja, uma unidade frasal só se torna uma EI quando ela “*finca as patas*” (Leia-se: enraizar-se, alicerçar-se), quando se perpetua numa unidade social e torna-se estável através do seu uso sistêmico num diacronismo saussuriano.

2.2 Natureza estrutural das EIs

Em relação à complexidade lexical das EIs, sob a ótica morfossintática, podemos encontrar algumas estruturas descritas por Xatara (1998, p. 171). Assim, com base nessa descrição, trazemos a seguir alguns exemplos que adequamos ao nosso tema de estudo, ou seja, as EIs regionalistas.

A) Relativa ao sintagma nominal: *água de cheiro* (leia-se perfume); *namoro de gato* (leia-se “muita briga no curso do namoro”); *rapa do tacho* (leia-se último filho, final, saideira).

B) Relativa ao sintagma de função adjetiva: *firme e forte* (leia-se algo rígido, robusto, corpulento); *meia-guampa* (leia-se vivente no interstício entre a sobriedade e o alcoolismo); ou, ainda, *mais grosso que dedo destroncado* (leia-se pessoa rude, de pouca ou nenhuma educação); *facero que nem lambari de sanga* (leia-se pessoa muito alegre, espalhafatoso, garboso).

C) Relativa ao sintagma adverbial: *por baixo dos pelegos* (leia-se fazer algo errado de forma escondida); *a ferro, fogo e bofetadas* - “medidas radicais em uma tomada de decisão” .

D) Relativa ao sintagma verbal V+SN: *entreverar os pelegos* (leia-se namoro nervoso, pegado, nas últimas, casório); *paga vale doenti* (leia-se situação embaraçosa, em que se é exposto ao ridículo); *pagar o pato* (leia-se levar a culpa por algo que não cometeu); *pela saco* (leia-se tipo de trote do cavalo); *queimá a bota* (leia-se homem mal-educado, peidorreiro, relaxado); *enterrar o imbigu* (costume regionalista de, quando uma criança nasce, o pai enterrar o umbigo no campo para que menino, ao crescer, seja um bom campeiro. No caso de menina, o pai enterra no chão da cozinha para que seja uma excelente cozinheira).

E) Relativa ao sintagma verbal (V+SN+SN): *tem caroço nesse angu* (leia-se desconfiança, dúvida, incerteza); *tem tatu na toca* (há alguma coisa, procura que encontra); *pega preço guri* (leia-se menino repreendido pelo pai para tomar juízo, criar responsabilidade);

bota preço nesse lombo (leia-se homem mal-educado, grosso, que adentra no chinaredo (prostíbulo) e relincha (conversa) com as damas de forma inadequada, sem galanteios, direto aos finalmente).

F) Relativa ao sintagma verbal (V+ Preposição + SN). *tá de castigo* (leia-se impedido, repreendido); *tá de bucho cheio* (leia-se pessoa esganada, que comeu muito); *tá de barriga* (leia-se moça grávida); *andando como pata choca* (leia-se moça com andar espalhafatoso).

G) Relativa aos sintagmas frasais exclamativos: - Oração: *Vá pentiá bugio!* (leia-se xingamentos desagradáveis, coisa inútil, ridículo); *Vai lambe sabão!* (leia-se xingamento; ordenamento para ficar de boca fechada); *É feia igual à mãe!* (leia-se comparação, opinião entre os meninos referente a uma menina); *É de abandonar a família!* (Quando passa uma prenda muito formosa, cheia de atributos, o índio abagualado pensa em alojar-se com tal prenda e abandonar família). - Frase nominal: *Que côusa linda!* (Utilizado para expressar que algo é muito belo); *pai da eguada* (leia-se gaúcho de toda estirpe, de boa aparência, pegador, namorador).

2.3 Convencionalidade e idiomaticidade por Tagnin:

Conforme o enfoque de Tagnin (1989) acerca das EIs, em um primeiro plano, a convencionalidade “[...] abrange tudo o que é convencional e por esse termo entendemos aquilo que é tacitamente aceito, por uso ou geral consentimento, como norma de proceder, de agir, no convívio social; costume; convenção social (*apud FERREIRA, 1986, p.12*).

Nada mais é que o costume, algo que é passado de geração para geração, uma rotina de dizeres, uma forma corriqueira de pronúncias, tudo aquilo que o indivíduo adquiriu ao longo da vida e que está inserido e armazenado em sua mente: processo sincrônico de aquisição lingüística, conforme já revelava Saussure.

A convencionalidade geralmente é difícil de ser formalizada ou explicada a outra pessoa, pois é algo subjetivo e inerente à capacidade de aquisição lingüística de um indivíduo. A todo esse processo se denomina de convenção social. Este conceito também pode ser aplicado à língua, em situações da esfera social, como “deve-se saber *quando dizer* algo” (TAGNIN, 1989, p. 12). Nesse sentido, podemos citar a seguinte EI - “*buenas que me espalho, nos pequeno, dou de prancha e nos grandes dou de talho*” (Veríssimo, p. 2) -, que, aqui pelas bandas do Rio Grande do Sul, constitui uma saudação analógica do clássico literário *Um Certo Capitão Rodrigo*, de Érico Veríssimo, e enraizou o costume de, quando se

adentra em locais onde a finalidade seja a de confraternização, recitar esta EI como mecanismo de saudação e interação social. Ela remete a sentimentos vivenciados na leitura da obra de Veríssimo e pode ser considerada inadequada em ocasiões que não sejam de integração e festividade.

Tagnin, em *Expressões Idiomáticas e Convencionalidade*, afirma que a convencionalidade pode ocorrer em diversos níveis, tal como o nível sintático, que “*compreende a combinalidade dos elementos, sua ordem e sua gramaticalidade*”, (TAGNIN, 1989, p.15). Esclarece ela que a combinalidade é a capacidade que os elementos lingüísticos têm de se combinar, e a explicação mais provável para essa combinação é o uso, ou seja, a convencionalidade da expressão. Podemos observar em “*me tapei de nojo!*” que não podemos trocar nenhum de seus elementos constitutivos por outros semelhantes, e, se ocorresse uma reescrita como “*me cobri de asco*”, perderíamos o nível de combinalidade e, sucessivamente, a idiomaticidade.

Na mesma esfera, o nível de ordem é a seqüência em que os vocábulos aparecem. Na EI “*cagando e andando*” - cristalizada e convencionalizada nessa ordem -, não poderíamos, mesmo que por picardia, colocar esta EI na ordem *andando e cagando*, pois se perderia toda sua convencionalidade.

Quanto à gramaticalidade, verificamos que algumas gramaticalizações ocorrem seja pelo uso consagrado da EI, seja pela aceitação dos falantes em quaisquer níveis sociais, como vemos na EI “*fumu i viemu*”, ao invés de *fomos e viemos*, conforme as regras gramaticais da língua culta padrão.

Tagnin nos orienta que, para termos um melhor entendimento acerca do que são as EIs, devemos adentrar no nível semântico da convencionalidade, isto é, no limiar do sentido. Revela-nos, ainda, que a maioria dos lingüistas se ocupa apenas com os estudos referentes ao não-composicional, ou seja, apenas com a situação referente “ao fato de o significado da expressão toda não ser previsível a partir do significado das partes” (TAGNIN, 1989, p. 45), baseando seus estudos na formação, função, classe, entre outras atribuições que uma palavra possa desempenhar. Não adentram no campo mágico do imaginário, do somatório dos sentidos, da composição, do algo que corriqueiramente transcende as regras da gramaticalidade. Talvez assim ajam por falta de sensibilidade ou interesse. Apenas não se comprometem, pelo simples fato de que, se somarmos os significados das partes, não teremos o resultado desejado a que a expressão deve corresponder. Isso nos revela que o sentido, como ela afirma, foi convencionalizado. Podemos ver, de forma evidente, na EI “*bater as*

botas” que seu sentido literal esclarece uma ação de pegar uma bota e bater em algo. Contudo, seu sentido convencionalizado descortina o ato de morrer, *passar dessa para uma melhor*.

Outro aspecto de grande relevância elencado por Tagnin é o fato de que uma EI pode ser parcial na sua idiomaticidade, como é o caso de *“me pula sexta-feira”*, em que encontramos a idiomaticidade apenas na primeira parte, ou seja, no sintagma verbal. Assim, podemos verificar que a idiomaticidade flutua entre parcial e total ou, como queiram, maior ou menor em uma EI.

3. Instrumentalização das EIs

Tentaremos demonstrar que as EIs podem ser objeto de análise e de exemplo nos estudos lingüísticos. Não temos a pretensão de ignorar e tampouco desprezar os modelos já edificados no decorrer dos tempos. Apenas estamos mostrando que não só podemos como também devemos utilizar todas as formas de exemplificação nos estudos lingüísticos. Talvez o estudo das EIs seja um tema *marginalizado*, descrito por alguns lingüistas retrógrados. E aqui fazemos uma crítica: durante o tempo em que buscamos informações sobre as expressões nas gramáticas, em nenhuma das pesquisadas - e foram algumas – encontramos uma página sequer referindo-se às EIs. Rever conceitos se faz necessário.

A diversidade das EIs é tão rica que podemos abarcar qualquer estudo com base na análise de sua composição. Macambira (1982) já nos dizia que toda palavra, para ser ela mesma, deve ser inculcada de forma, função e sentido. Pois bem, uma EI é a personificação desses três fatores por assim dizer. Sua forma se manifesta na ordem em que aparecem as palavras na expressão; sua função, no sentido sintagmático - qual a função que o elemento (e ou palavra) exerce na frase ou na oração -; seu sentido ocupa-se dos mais diversos significados.

Vejamos a EI *“de faca na bota”*. Ela pode ser utilizada como exemplo no estudo da metáfora, que nos remete à comparação com um indivíduo disposto a comprar briga, valente, pronto para a batalha; *“... mulheres valentes andavam com uma faca escondida na bota, para último recurso”* (FISCHER, 2007, p. 98). Nota-se que a EI cumpre seu objetivo de exemplificar a relação de comparação para caracterizar a metáfora. Isso mesmo: o sentido inculcado nas EIs é o sentido metafórico.

A metáfora, através do seu poder de quebrar resistências, com histórias e palavras que levam as mensagens a quem se deseja informar, é uma das mais poderosas formas de transmissão de sentidos implícitos. E aqui abrimos um parêntese, certificando a importância da metáfora pela perspectiva de Cançado (2013, p. 129):

Seguindo o nosso estudo sobre conceituação, apresentei algumas propostas mais conhecidas como teorias de Semântica Cognitiva (ou também Gramáticas Cognitivas). Assume-se que o significado é construído a partir de estruturas conceituais convencionalizadas e que as categorias mentais das pessoas são formadas a partir da sua experiência de crescer e agir em um mundo [...] Os relevantes trabalhos cognitivistas apresentados em Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987) e Johnson (1987) assumem que a metáfora é um elemento essencial para a nossa categorização do mundo e para nossos processos mentais. Como consequência, o estudo de metáforas tem de ser uma tarefa interdisciplinar. [...] A metáfora tem sido vista, tradicionalmente, como a forma mais importante de linguagem figurativa e atinge o seu maior uso na linguagem literária e poética. Entretanto, é muito comum achar em textos científicos, jornalísticos, publicitários e mesmo na nossa linguagem do dia a dia.

E a ironia? Sim, sem ela nada se cria, nada se transforma, nada se modifica; não é mesmo, Gigolô das palavras? Ao mestre da ironia, Luís Fernando Veríssimo, nossas reverências por escrever “*por pura ingenuidade*” o que muitos gostariam de ter escrito: “A gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda” (VERÍSSIMO, 2002, p. 77,78).

Podemos, então, em um estudo referente a algumas figuras de linguagem, atribuir na EI “*os butiazeiros pedem socorro*” uma perfeita manifestação do processo de prosopopéia, que atribui características humanas a seres inanimados. A prosopopéia é uma figura de linguagem muito usada para tornar mais dramática a comunicação. Já o pleonasma é observado, por exemplo, nas EIs “*matando o morto*” e “*entra pá dentro, guri*”, nas quais fica clara e evidente a intensificação de termos repetidos ou de suas idéias.

Também não podemos deixar de registrar a onomatopéia, figura de linguagem responsável por indicar a reprodução de sons ou ruídos naturais. Aqui no rincão gaúcho, a todo o instante a onomatopéia se faz presente seja no *oigale*, seja no *piripirido* - chamamento das galinhas no terreiro -, seja ainda no *cuchi-cuchi* - chamamento dos leitões para comerem no chiqueiro.

Bem, não podemos terminar este artigo sem realizar uma referência toda especial a uma expressão idiomática assim dita: “*É bem coisa de maloqueiro...*” Fischer (2007, p. 168) trata de ser mais complacente ao descrever esta EI como sendo uma designação de um

comportamento pouco polido, de quase nenhuma educação. Em verdade esta EI é designada para exprimir uma desaprovação, uma contrariedade de gostos, estilos e, principalmente, um estereótipo. Mas, a nosso ver, ser maloqueiro representa um estilo próprio de agir e se posicionar.

Ao adentrarmos no universo da morfologia, podemos abordar, por exemplo, o processo de formação de palavras por derivação através da sufixação. Para ter uma melhor compreensão, analisaremos o sufixo-eiro. Este é um dos sufixos mais utilizados para formar palavras de cunho depreciativo, como é o caso de *maloqueiro*, *trambiqueiro*, *carniceiro* e, por que não dizer, *brasileiro*. É assim, de forma depreciativa, que alguns países *estrangeiros* vêm os brasileiros, principalmente nas disputas esportivas, em que a rivalidade se faz presente. Nada melhor que oralizar algumas EIs a *plenos pulmões* e sem moderação alguma para comprovar que o sufixo *-eiro* é um formador de palavras que, no processo composicional, conceberão EIs pejorativas, como podemos ver em: “mais *trambiqueiro* do mascate turco...” “mais *putanheiro* que dono de chinaredo...”

Quem de nós, aqui do sul do país, nunca ouviu essas expressões idiomáticas? Seja nas mais diversas situações do cotidiano, há sempre uma situação em que elas se fazem presentes. Diante disso, nada mais justo, então, do que dizer que este artigo é coisa de maloqueiro.

4. Considerações Finais

O propósito principal deste trabalho foi de apresentar as expressões idiomáticas por meio de conceitos e análise de suas estruturas. Para tal trouxemos dois expoentes neste tema: Cláudia Maria Xatara e Stella Ortweiler Tagnin. Focamos especificamente as EIs regionais edificadas no Rio Grande do Sul, de tal forma que todos os exemplos utilizados são oriundos do regionalismo gaúcho ou do gauchês, como queiram.

Registramos algumas das perspectivas abordadas por Xatara e Tagnin na conceituação e na estruturalização das EIs. Não tentamos estabelecer uma diferenciação entre as duas, pois nossa intenção foi apenas expor a ótica de cada uma delas acerca do tema.

Com o intuito de verificar a utilização das EIs, tentamos demonstrar que a produção, a divulgação e a cristalização das EIs se dá por intermédio da língua, que, como vimos, é um mecanismo de interação social. Nesse sentido, destacamos o papel da internet como ferramenta para a concretização desse processo. Ela, a internet, também nos serviu como fonte de informações e dados para a consecução do presente estudo.

Para trazer subsídios acerca da conotação presente nas EIs, trouxemos a visão de Rodolfo Ilari e de Fischer, com seu Dicionário do Porto-Alegre, ilustrado magistralmente com exemplos e significações. Com base nesses subsídios, propusemos utilizá-las como um mecanismo de auxílio e exemplificação referentemente aos estudos das figuras de linguagem e das palavras. Ousamos até adentrar na morfologia, utilizando as EIs como exemplos no processo de derivação de palavras, no caso, a sufixação.

Analisando singelamente o sufixo – *eiro* e o seu emprego em palavras de cunho pejorativo, verificamos que este processo, também, ocorre em algumas EIs regionalistas conotadas de pejoratividade, tais como *chineiro*, *macumbeiro*, *maloqueiro*. E, por falar em *maloqueiro*, trabalhamos uma Expressão Idiomática muito utilizada no Rio Grande do Sul: “é bem coisa de *maloqueiro*”. Esta serviu como fonte de inspiração e exemplificação para o estudo referente a este sufixo.

A presente pesquisa nos trouxe a convicção de que o estudo das EIs é muito necessário, pois, assim como os neologismos surgem a cada dia, também se criam novas expressões idiomáticas, e este processo pode e deve ser trabalhado em sala de aula. Nesse sentido, o aluno pode ser solicitado a pesquisar as EIs utilizadas na sua comunidade, e dessa pesquisa poderia até ser confeccionado um dicionário das expressões correntes naquela região.

Cumpre-nos aqui lembrar o que nos diz Luft (1985, p. 108): “O ensino ideal, a educação ideal, que todos desejam, há de ser uma *educação para a Liberdade*”. Desse modo, cremos que, no que diz respeito às EIs, uma educação verdadeiramente libertadora deveria incluí-las no trabalho em sala de aula.

Agradecimentos:

Às entidades superiores, à minha amada Daniela, à minha razão de viver - Valentina - e à família. Aos colegas de curso, em especial: André Novais, Christian Pizollatto, Fernando Lemos, Viviane Sampaio, Roxana Moreira, pela oportunidade de conviver com pessoas tão especiais. À Esther Motta com sua habilidade singular de polir os mais brutos dos diamantes (leia-se textos) e transformá-los nas mais lindas obras de arte!

Também aos mestres do curso, em especial – sem preterir ninguém – três deles: Anderson Hakenhoar, Sabrina de Abreu e Luisandro Mendes de Sousa. Não tenho adjetivos para defini-los. Hoje temos a convicção de que os lexicógrafos deveriam atualizar os dicionários no que se refere ao conceito do vocábulo professor: substantivo masculino; **1**

aquele que professa uma crença, uma religião; **2** aquele que ensina, ministra aulas(em escola, colégio, universidade, curso ou particularmente); mestre. (Houaiss, 2007).

Não que esteja equivocada tal significação, apenas está incompleta. Falta colocar o que é ser um professor. Aí podemos ajudar resolver essa empreitada. Significado de professor: Anderson Hakenhoar, Sabrina de Abreu, Luisandro Mendes de Sousa. Pouco importa a ordem em que apareçam, são mestres abnegados, estudiosos, amigos, referências para quem almeja um dia ser Professor! A vocês:

- Muchas gracias!

Referências bibliográficas

- AZEREDO, José Carlos. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 3ed. São Paulo. Publifolha 2011.
- CANÇADO, Márcia. Manual de Semântica: noções básicas e exercícios. 1ed. Contexto. São Paulo. 2013.
- FISCHER, Luis Augusto. Dicionário de Porto Alegre. 14 ed. L&PM pocket. Porto Alegre 2007.
- HOUAISS, dicionário eletrônico 3.0. Objetiva. São Paulo. 2009.
- ILARI, Rodolfo. Introdução à Semântica. Brincando com a gramática. 8ed. Contexto. São Paulo. 2014.
- LUFT, Celso Pedro. Língua e Liberdade: Por uma nova concepção da língua materna. L&PM. Porto Alegre. 1985.
- Macambira, José Rebouças. A Estrutura Morfo-Sintática do Português. 4ed. Pioneira. São Paulo. 1982.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. 2012. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 50 ed. José Olímpio. Rio de Janeiro.
- TAGNIN, Stella Ortweiler. Expressões Idiomáticas e Convencionais. Ática. São Paulo. 1989.
- VERISSIMO, Luis Fernando. O gigolô das palavras. In: _____. Para gostar de ler; Luis Fernando Veríssimo: o nariz e outras crônicas. 10 a.ed. v. 14. São Paulo: Ática, 2002. P. 77 e 78.
- XATARA, C. M. As expressões idiomáticas de matriz comparativa. 1994. 140 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1994.
- XATARA, C. M. A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês. 1998. 253 f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998 a.
- XATARA, C. M. Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa*. São Paulo: Editora UNESP, 1998b.